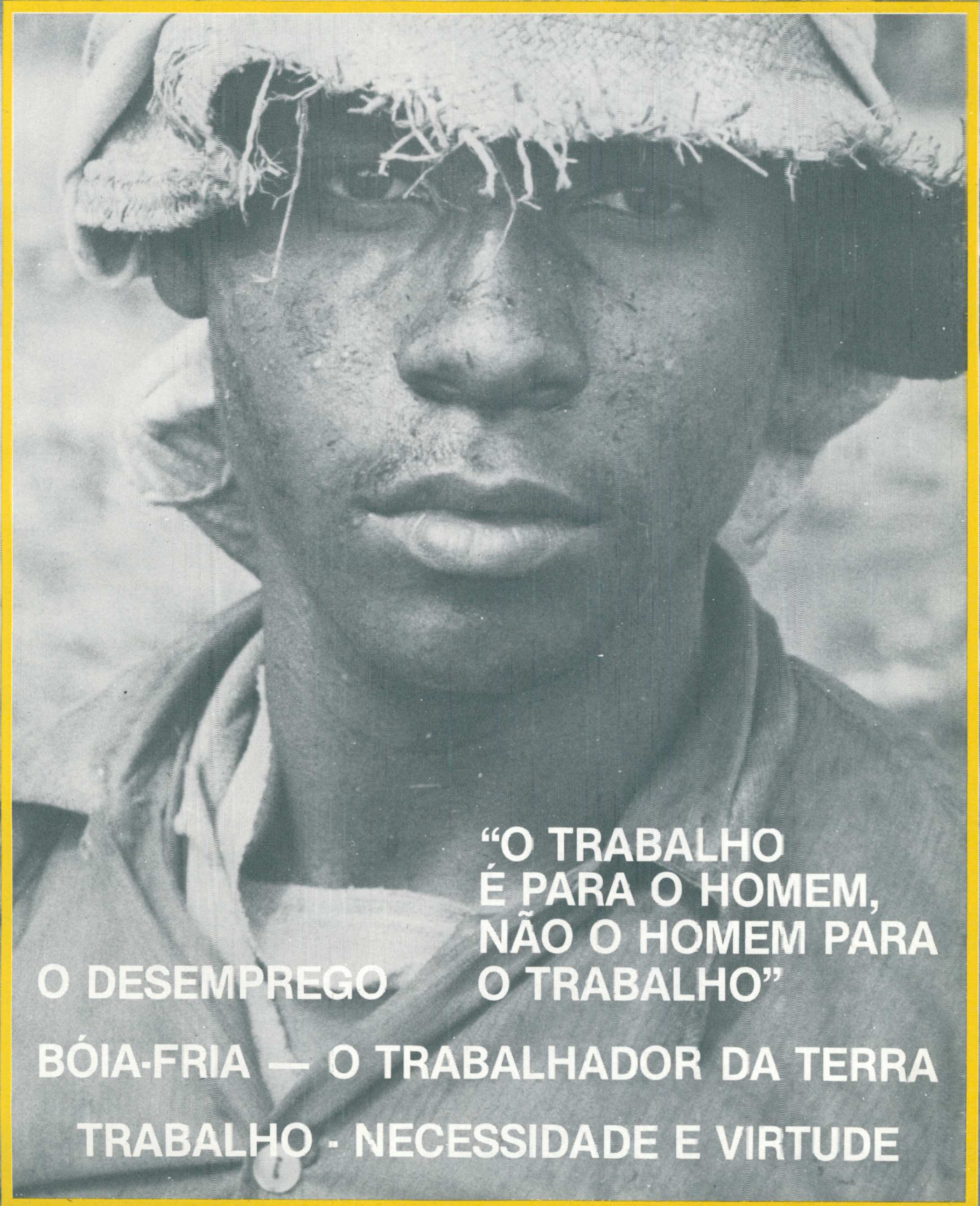


am

AVE MARIA — REVISTA QUINZENAL — ANO LXXXIII — Nº 7
15 DE ABRIL DE 1982 — Cr\$ 50,00



O DESEMPREGO

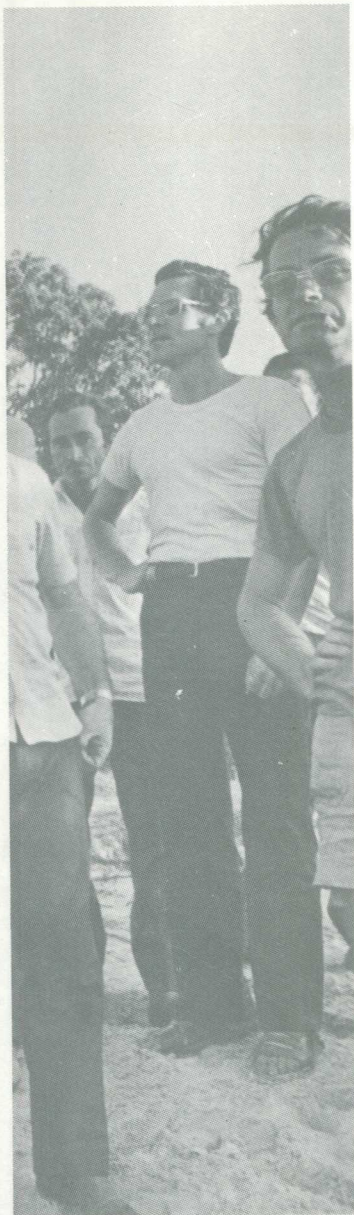
“O TRABALHO
É PARA O HOMEM,
NÃO O HOMEM PARA
O TRABALHO”

BÓIA-FRIA — O TRABALHADOR DA TERRA

TRABALHO - NECESSIDADE E VIRTUDE

Serão aceitas novas provas em defesa dos padres franceses

O procurador geral da Justiça Militar, Milton Menezes da Costa, informou ontem ao Superior Tribunal Militar que o auditor militar de Belém reconsiderou sua decisão anterior, para permitir agora a juntada de novas provas requeridas pelos advogados de defesa dos padres franceses Aristides Camio e Francisco Gouriou, que aguardam julgamento em prisão na capital paraense. Até então fora indeferida a solicitação dos advogados, no sentido de se acrescentar ao processo a acareação de testemunhas, e exame necrológico da pretensa vítima e a revisão da tradução do documento apresentado em juízo. Esse indeferimento, nas alegações finais, era considerado como cerceamento da defesa. No dia 25 de março após reler as alegações finais, o juiz decidiu rever o seu posicionamento anterior e deferir o pedido dos advogados, reabrindo agora o prazo para que se verifiquem as diligências requeridas. Essa disposição poderá atrasar de dois ou mais meses o julgamento, mas revela uma nova atitude frente ao processo, restabelecendo condições objetivas para a defesa dos padres e posseiros. É mais uma razão para intensificarmos, nas comunidades, a oração por esses nossos irmãos, que no último dia 19 de março assim escreveram à CNBB: "Estamos aguardando o julgamento — diz o Pe. Francisco. — Não sabemos ainda se vai ser nos últimos dias de março ou em abril. Esperamos com muita serenidade. Esperamos a liberdade, mas também estamos prontos a qualquer outra coisa, se acontecer. Este tempo de Quaresma nos ensina que o caminho para a Páscoa passa pela Cruz. Permanecemos unidos com toda a Igreja do Brasil, sobretudo neste tempo da Campanha da



Fraternidade, procuran-

do a libertação através da verdade". Por sua vez, o Pe. Aristides escreve: "Esta experiência nossa, na cadeia, nos ajuda a viver e a en-

tender mais o mistério de Salvação que nos trouxe a Libertação. Por isso esperamos o julgamento com toda a tranquilidade".

"Honoris Causa" ao Apóstolo da Esperança

No dia quatro de março de mil novecentos e oitenta e dois, no teatro TUCA da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, num clima de fraterna homenagem, D. Hélder Pessoa Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, recebeu o título de "Doctor Honoris Causa" que lhe foi outorgado, completando assim a 14.^a honraria; sendo que treze delas tiveram origem nas universidades estrangeiras.

A abertura da sessão foi feita por D. Paulo Evaristo Arns, Grão-Chanceler da PUC/SP.

Compunham a mesa: além de D. Paulo, a Reitora Nadir Gouveia Kfoury; o Vice-Reitor Comunitário, Pe. João Edênio Reis Valle e pelo Egrégio Conselho Universitário da instituição.

O Secretário Geral da PUC, Dr. José Feliciano Pereira da Rosa de Aquino, leu o diploma concedendo o título a D. Hélder, "pelas suas qualidades intelectuais e cívicas, pela sua luta pela Justiça dentro do Evangelho e por um ideal fraterno para um mundo mais humano, onde a pessoa humana possa viver na sua plenitude".

A professora Nadir Kfoury fez a entrega do diploma a D. Hélder, e a seguir o professor Flávio Di Giorgi saudou-o em nome da Comunidade Acadêmica que juntamente com a Renovação Cristã fez a indicação para o título, em comemoração aos 50 anos de vida sacerdotal do homenageado pelos seus trabalhos frente à Ação Católica, na Cruzada de São Sebastião, pela fundação da CNBB, pelo caráter pioneiro de sua atuação nas obras sociais da Igreja em âmbito nacional e internacional em favor dos pobres.

A saudação em nome do povo foi feita pela favelada Dona Maria José Pereira Lacerda que, ao terminar, entregou uma rosa vermelha a D. Hélder em nome da pobreza e uma rosa branca a um representante das forças de segurança em sinal da paz.

A sessão foi fechada com o discurso de D. Arns que entre outras palavras disse o seguinte:

"Esta noite deveria ser a sinfonia daqueles que acreditam na Esperança, mesmo com as trevas mais densas. Sempre haverá uma estrela, uma luminosidade, para quem pensa e age como D. Hélder, Dr. "Honoris Causa" pela Pontifícia Universidade de São Paulo."

SUMÁRIO

4 • CONSULTÓRIO POPULAR

Questões de fé e religião.

5 • AOS MESTRES, COM CARINHO

*Lições que não precisam
de palavras.*

6 • O AUMENTO DE SALÁRIO

Só é bom ter mais para ser mais.

7 • TRABALHO — NECESSIDADE E VIRTUDE

*O trabalho só tem sentido
enquanto dignifica o homem.*

8 • A PALAVRA DO PAPA

*A razão da livre associação
do trabalhador.*

9 • BÓIA-FRIA — O TRABALHADOR DA TERRA

*Atrás da poesia, o suor,
a lágrima, o cansaço,
a desesperança.*

13 • O DESEMPREGO

*Um fruto mau da nossa
administração social.*

14 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA

Faça as pazes com a esperança.

16 • O ATRASO DO SEBASTIÃO

*O pobre, "paga" mais por
ser pobre.*

17 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA

*Reflexões sobre as leituras
dominicais.*

EDITORIAL

“O trabalho é para o homem, não o homem para o trabalho”

Em nossa vida cotidiana vemos que o trabalho, para uns, é uma atividade alegre, para outros é uma escravidão; para os primeiros é um estado criativo, para os segundos é uma constante saturação, mas para todos eles é um lugar e um tempo despendido onde se formam as mentalidades.

Em princípio o trabalho é uma ação transformadora que o homem exerce sobre a natureza para dele haurir recursos para a sua vida. É um processo no qual há um desgaste físico, psíquico e mental. Conforme os planos de Deus, o homem é feito à sua imagem e semelhança, ou seja, é também criador, com capacidade para construir o mundo. Isto significa que o homem com o seu trabalho é parceiro de Deus na criação. Juntos criamos o mundo para que seja melhor, mais feliz e alegre para todos.

Neste sentido e com este objetivo o trabalho deveria ser um meio de unir os homens, de congregá-los cada vez mais, mas na realidade ele está nos afastando uns dos outros cada vez mais.

Isto faz transparecer que algo referente ao trabalho não está realizando o homem como tal. Embora todos saibamos da complexidade que é o mundo do trabalho, reflitamos rapidamente sobre um dos principais elementos ligados a ele: o salário.

Todos os anos o salário é aumentado, uma vez no 1.º semestre, outra vez no 2.º semestre. Isto é feito para acompanhar a inflação. Mas acontece que a inflação está — e isso há muito tempo — sendo sempre maior do que o aumento do salário. Ou seja, o valor real do salário está ficando cada vez menor. Na prática significa que o que se podia comprar com um salário no ano passado, hoje já não se pode comprar mais.

Essa defasagem cria um grande mal-estar. Quando trabalhamos, queremos ver um crescimento do valor do trabalho feito. Este, por sua vez — materialmente falando — só é mensurável pelo salário. Se além de ser pouco o salário perde mensalmente o seu valor — relacionado à inflação — criará uma mentalidade negativa, crescerá o desânimo, a chateação, a revolta, as desavenças, a violência.

Ninguém se sente bem em ter que lutar cada mais pela vida, sabendo que seu suor vale cada vez menos.

Como entender que devemos — pelo trabalho — “ter consciência de estarmos contribuindo para um mundo melhor” (como disse João Paulo II em Lagos aos patrões e empregados em 16.02.82), quando experimentamos concretamente, na pele, a situação cada vez pior?

Diante disso não é um direito humano lutar por um salário justo?

O salário justo do trabalhador é aquele com o qual não lhe é afogada e sufocada sua esperança de dias melhores, mas pelo contrário, justo é o salário que estimula e anima, que dá condições de alimentar ideais de realizações humanas, de crescimento no conhecimento e de possibilitar o desenvolvimento cada vez mais humano (saúde, alimentação, moradia, educação, estabilidade no emprego, lazer).

“O trabalho é para o homem, não o homem para o trabalho. Por consequência, não se deve permitir que o trabalho desumanize a pessoa que o realiza... Os trabalhadores têm o direito de formar associações e pedir condições de trabalho justas” (João Paulo II em Lagos, Nigéria, aos 16.02.82).

P.C.G.

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação quinzenal da Editora Ave Maria Ltda. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob n.º 221.689, no S.E.P.J.R., sob n.º 50 no R.T.D., sob n.º 67 e na DCDP do DFP, n.º 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Diretor: Athos Luís Dias da Cunha. □ Redação: Cláudio Gregriani, Roberto Negrelli, Maria do Carmo Fontenelle e Antônio Joaquim Lagoa. □ Arte e Diagramação: Pedro Ribeiro. □ Colaboração: Elias Leite, José Fernandes Oliveira, José Wanderley Dias, João de Castro Engler, André Carbonera, Mons. Bene, José Andery e Alceu Luiz Orso. □ Colaboração especial: D. Vicente Scherer. □ Departamento de Assinaturas e Promoção: José Rodrigues de Almeida. □ Circulação e Propaganda: Geraldo Moreira, Joaquim de Castro, Antonio T. Sato, Afonso de Marco, F. Amantino de Cesáro e João Ferreira de Menezes. □ Coordenação e Publicidade: Cláudio Gregriani. □ Administração: Nestor Antonio Zatt e Hely Vaz Diniz. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. (Tel.: 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) e 615 (CEP 01.000) - São Paulo, SP. □ Composição, Frotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda., Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque) - São Paulo. □ Assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas pelo correio. □ Preços: Número avulso Cr\$ 50,00 - Ass. Anual (simples) Cr\$ 1.000,00 - Ass. benfeitor Cr\$ 1.500,00.

- *Aqui respondemos as perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.*
- *Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Favor enviar selos para a resposta.*
- *Correspondências para: Pe. João Engler - Cx. Postal 153 - CEP 80000 - Curitiba, PR.*

1.853
O Dilúvio

O Dilúvio foi universal?
(J. R. C. Ribeiro - Nazareno, MG)

O dilúvio que consta pela narração da Bíblia e por outras muitas tradições antiqüíssimas da humanidade é o fato histórico mais notável, poderíamos dizer, depois da narração da criação do mundo. O dilúvio dividiu a história do mundo em dois períodos claramente distintos, separados por uma extinção humana quase total.

Admitida praticamente pela quase totalidade dos biblistas a realidade histórica do dilúvio, divergem os pareceres sobre a sua universalidade. Há grande dificuldade em admitir a universalidade geográfica por razões de ordem biológica e geológica, mas basta ter havido uma universalidade da região do mundo então habitada pelo homem. E assim se explica plenamente a destruição quase total do gênero humano como castigo expressivo de que fala o texto sagrado: "Eis chegado o fim de toda criatura diante de mim, pois eles encheram a terra de violência (Gen. 6,11-13). Ler ainda 8,21-22 e Gen. 9,11-17.

1.854
O Pecado de Adão

O Pecado de Adão e Eva foi pecado sexual? (J. R. C. R. - Nazareno, MG)

O texto da Bíblia está suficientemente claro: o

pecado de Adão e Eva não foi uma culpa sexual. Eva foi tentada por estas palavras: "Deus vos proibiu comer dessa fruta... porque sabe bem que no dia em que dela comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses conhecedores do bem e do mal". Foram, pois, tentados de orgulho, de procura e auto-suficiência na ordem moral, independentemente de Deus:", isto é, por vós mesmos sereis a norma de vossos próprios atos: "sereis como deuses", não estareis mais sujeitos a Deus. Veja-se antes no cap. II do Gen, 17: "Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer." Não se tratava da onisciência (conhecimento total e absoluto) que o homem decaído não possui, nem do discernimento moral, que o homem inocente já tinha e que Deus não podia recusar à sua criatura racional. Era a faculdade de decidir por conta própria o que é bem e o que é mal e de agir conseqüentemente. Era uma reivindicação de autonomia moral, praticamente de sujeição a Deus, de aceitação de seu estado de criatura limitada. E por isso, ainda no texto sagrado, Deus, depois de ter castigado nossos primeiros pais, expulsa-os do paraíso e diz ironicamente: "Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal" (Gen. 3,22).

Foi, pois, um pecado de orgulho. Por outra parte não há nenhuma razão que sugira um pecado sexual entre Adão e Eva, vi-

vendo eles naquele princípio como esposos e tendo assim sido criados por Deus. Diz ainda o texto que eles só perceberam que estavam nus, depois de ter pecado; ver Gen.

3,7. Foi então a primeira manifestação da concupiscência ou desordem moral corporal, como efeito da desordem espiritual "ser como deuses" que eles já tinham abraçado.

1.855
Sinal da cruz



Por que o padre, na missa, faz o sinal da cruz sobre o Evangelho? (S. M. de S. C. - Londrina, PR)

É claro que ao marcar o texto evangélico com o sinal da cruz, não se quer abençoar o texto sagrado,

mas voltar nossa atenção respeitosa para o Evangelho, como fonte de todas as bênçãos e graças que recebemos e por isso o padre e todos os fiéis, a seguir, benzem-se imediatamente a si próprios com o triplice sinal da cruz.

P. Elias Leite

Aos mestres, com carinho



A Jesus Cristo, em primeiro lugar, o Mestre dos mestres. Ele que ensinou a Verdade vinda de Deus. A Verdade que conduz, que educa. O educador da Fé, o condutor do homem para a vida pelos caminhos do amor. O Verdadeiro Mestre.

A seguir os mestres todos. Todos aqueles que, por missão divina, ensinam com amor. Seja na escola, na oficina ou no lar. A vocação ao magistério é sagrada. Ela vem de Deus. O Criador da vida. A Luz que ilumina no brilho da inteligência. Despertada. Conduzida. Educada. O mestre, o educador, é o condutor do homem-criança, inexperiente nos caminhos da vida. Abre-lhe os horizontes da mente e do coração, levando-o a realizar-se como gente.

O professor, queira ou não, passa a fazer parte da vida do aluno. Dá a sua contribuição, positiva ou negativa, para a estruturação da personalidade de cada um. E certas crianças aprendem do professor não só a ciência lecionada, mas também a maneira de ser, até o jeito de falar. O aluno é um imitador. Daí a dificuldade de o mestre, o verdadeiro educador, saber distinguir e respeitar a realidade humana de cada aluno e de conduzi-lo pelos caminhos de uma formação integral: mente e coração, corpo e espírito. A influência do professor na personalidade do aluno é tão marcante, principalmente quando há alguma seqüência de escolaridade, que determina certos comportamentos deste. E quando adolescente, a mentalidade, as idéias do mes-

A grande lição dos mestres e pais aos discípulos e filhos - a que concerne a uma atitude de vida - sempre será a do testemunho.

tre cativam muito mais. Daí a maior responsabilidade.

Aqui está a razão por que me dirijo aos mestres, durante esta Campanha da Fraternidade, cujo tema é precisamente Educar para a Fé e a Fraternidade. Fé é a adesão de nossos conhecimentos e vontade à verdade que vem de Deus. Implica, portanto, uma vivência. Vivência que é comunicação. E comunicar a verdade de Deus é amar. Nasce daí a fraternidade. Somos todos irmãos porque filhos do mesmo Pai. E tudo o que o Pai ensinou foi "amar-nos uns aos outros como Ele nos amou". É a síntese da vida e do Evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

O cristão que, por sua adesão a Cristo no batismo, tem o compromisso vivencial de dar testemunho dele e comunicar sua verdade, se não o faz, torna-se omissor. Não ama nem comunica o amor.

E o professor, o mestre que, por vocação, deve ensinar e tem a quem ensinar, sendo cristão, não pode excluir ou sequer separar Cristo dos seus ensinamentos. Pois, se ensinam para a vida, não haverá verdadeira vida sem amor ao semelhante, nem verdadeiro amor sem Deus. E ainda, como ensina o apóstolo Paulo, toda sabedoria sem Deus é vã. E vazia.

E aqui o apelo aos queridos mestres e educadores, em todos os níveis do saber e da vida, no exercício sagrado de seu magistério: lembrem-se de que a mensagem de Cristo lhes é dada como luz para abrir horizontes pelos rumos do saber humano. E é o próprio Cristo quem o diz: "Não se acende uma lâmpada para ocultá-la debaixo de um móvel, mas, para ser colocada em lugar de onde possa iluminar toda a casa. Vós scis a luz do mundo!" E quanto professor cristão não precisaria, hoje, recordar essa liçãozinha de amor que nasce do coração do Mestre dos mestres.

Ensinar Cristo não significa falar muito o nome dele. Se o mestre o leva no coração, na mente no conduzir-se, sua luz se irradiará por toda a classe, chegará ao coração de cada discípulo e o iluminará também. A maneira de ensinar, de colocar suas palavras, de emitir os conceitos de cada ciência, quando revestida da expressão de uma Fé que se vive, ilumina, conduz, educa.

Afinal, somos todos aprendizes. "Todos vocês são irmãos uns dos outros, e têm somente um Mestre," disse Jesus.

Pe. José Fernandes de Oliveira, scj

O AUMENTO DE SALÁRIO

De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a razão de viver?

La tudo muito bem naquela casa. Dentro das limitações do orçamento, as necessidades eram poucas e vivia-se de sobreviver. A comida era suficiente; bebia-se quando sobrava algum trocado; ninguém gastava mais do que o necessário em roupas, diversão ou condução; o carro só saía em casos de necessidade e assim por diante. Nesse regime de contenção de despesas, os quatro salários mínimos do marido, mais o pouco que entrava da parte dela e dos filhos, permitiam um padrão de classe operária, de pobre para média.

Nenhuma ambição e poucos atritos. Ela entendia, os filhos entendiam, ele entendia. E, porque não havia consumismo nem tentação de voar mais alto que o possível, seu mundo era simples e bonito.

Mas, de repente, veio a promoção. Santo Deus! Ele esperava por ela, mas não como veio! Assumiria a gerência de uma rova secção da firma que se expandia e começaria com vinte salários mínimos... Não deu outra: três meses



depois, estavam cheios de dívidas.

A esposa se encarregava de criar necessidades até então nunca sonhadas..

Precisava porque precisava de uma reforma na casa. E quis carpetes, papel de parede, cortinas, uma copa e uma cozinha nova, quartos individuais para os meninos, roupas mais condizentes com uma esposa de gerente, um carro novo e aquelas coisas de maior padrão...

Ele passou a usar ternos melhores, a convidar gente de mais classe, a guardar bebidas caras em casa e a sair para encontros em restaurantes. Afinal, seu padrão de vida exigia essas amenidades...

Os filhos: eram três, descobriram que era preciso comprar calças modernas, ir a lugares onde a turma vai, ter o direito ao carro e à motoca, fumar mais, e gastar com classe.

E queriam mais mesa-

da e o direito de não precisar contribuir mais em casa.

Quatro anos depois, ele perdeu o emprego. E não sobrou nada. As dívidas eram tantas que precisou penhorar tudo o que adquirira e ainda ficou devendo. O aumento de salário aumentou o consumo e as necessidades. Com cinco salários a família vivia bem e tranqüila, na sua pobreza decente. Com 20 salários caiu na riqueza falsa e indecente de quem gasta o que vai ter... É como diria Jesus: De que vale ao homem ganhar tanto, se perde a cabeça?...

No fundo era bem isso o que dizia quando, comentando a desenfreada busca de riquezas, questionava:

De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a razão de viver?

É por isso que o pobre deve lutar para sair da pobreza, mas nunca para cair na miséria do dinheiro em abundância. E o rico deve rezar muito para não cair na tolice de achar que seu dinheiro compra segurança.

O aumento de salário é indispensável. Mas você que o busca precisa estar preparado para saber a diferença entre ganhar mais e esbanjar o direito de ter.

Mesmo porque há ricos que não passam de miseráveis carentes e há pobres que não possuem muito mas, possuindo dignidade e juízo, possuem tudo...

Trabalho - necessidade e virtude

O trabalho visto, sob a perspectiva da fé cristã, torna o homem, de certa forma, um colaborador de Deus na criação do mundo.

O primeiro casal humano, relata a Bíblia Sagrada, foi posto pelo Criador no paraíso terrestre, para trabalhar no cultivo da terra daquele jardim de delícias (Gn 2,15).

Depois do primeiro pecado — o pecado original, e como sua consequência — advieram ao primeiro casal humano e a todos os seus descendentes, no tempo e no espaço, a fadiga no trabalho, o sofrimento e a morte.

A partir daí, as duas sentenças divinas — “Maldita seja a terra por tua causa! Com trabalho penoso tirarás dela o alimento, todos os dias da tua vida” (Gn 3,17) e “Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra, de que foste tirado” (Gn 3,19) — passaram a ser o apanágio de todas as gerações dos filhos de Adão e Eva.

Assim, “no princípio do trabalho humano está o mistério da Criação” (Laborem Exercens, n.º 12), que é, ao mesmo tempo, generoso dom de Deus e árdua conquista da humanidade.

Todos trabalhamos. Porque precisamos. Porque queremos. Porque gostamos. Porque desejamos crescer. Porque é necessário TER (o suficiente!) para SER.

Alguns — poucos, é verdade! — estranhamente, não querem trabalhar. Ou querem fazer só aquilo de que gostam. Ou quando gostam. Querem viver, mas não querem trabalhar. Querem ser gente, mas não fazem o que toda gente faz. Pretendem ser cristãos, mas não procedem como tais.

Porque o bom cristão é trabalhador. Honesto. Sincero. Porque Cristo também foi trabalhador. Ele foi carpinteiro. Mestre.

Seu Pai, o Deus-Pai de todos nós, também é trabalhador, e continua ainda a criação do mundo, através do trabalho do homem. Foi o próprio

Jesus quem o disse: “Meu Pai trabalha sempre e Eu também trabalho” (Jo 5,17). “Meu Pai é agricultor” (Jo 15,1).

Dizem as Escrituras Sagradas que Deus descansou no sétimo dia, depois de ter trabalhado na única e ímpar obra-prima de todos os tempos, que só Ele fez e poderia ter feito — a Criação.

DIREITO E DEVER

Trabalho é toda atividade — agrícola (setor primário), industrial (setor secundário) e comercial/serviços (setor terciário) pela qual o homem, no exercício de suas forças físicas e mentais, direta ou indiretamente, transforma a natureza para colocá-la a seu serviço.

Trabalho é direito do homem, solenemente proclamado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, no seu artigo 23: “Toda pessoa tem direito ao trabalho; à livre escolha do trabalho; a condições equânimes e satisfatórias de trabalho; à proteção contra o desemprego”.

Também dever inelutável de todo ser humano.

Para o cristão, o trabalho será sempre a resposta a uma dupla vocação recebida de Deus:

1ª) A vocação de continuar, por meio do trabalho, a obra criadora de Deus, explorando, responsavelmente, os recursos da natureza, para colocá-los a serviço de todos os homens;

2ª) A vocação da auto-realização e aperfeiçoamento, mediante o desenvolvimento harmonioso e cristão dos dons e talentos, naturais e sobrenaturais, recebidos de Deus.

DIGNIFICAÇÃO OU ESCRAVIDÃO

Já os antigos romanos tinham duas palavras, subsistentes ainda em

algumas línguas modernas, para exprimir dois tipos de trabalho: o trabalho servil, indicado pela palavra “trabs, trabis” (em francês, “travail”; em castelhano, “trabajo”, e, em português, trabalho), que era a trave ou carga que se impunha aos escravos para obrigá-los ao serviço; e o trabalho mais nobre, indicado pela palavra “labor, labóris” (em italiano, “lavoro”, e, em inglês, “labour”).

Nosso querido papa João Paulo II, em sua recente encíclica “Laborem Exercens”, sobre o Trabalho Humano, citando Santo Tomás de Aquino, diz que o trabalho é um bem; um bem árduo, é verdade, mas um bem real, útil e dignificante; um bem do homem, da sua humanidade — de, porque, mediante o trabalho, o homem não só transforma a natureza, adaptando-a às suas próprias necessidades, mas também se realiza a si mesmo como homem e, até, em certo sentido, torna-se mais homem (n.º 9).

Mas, como é o trabalho que está para o homem, e não o homem para o trabalho, é preciso, a todo custo, “evitar que, no trabalho, mediante o qual a matéria é nobilitada, o próprio homem venha a sofrer uma diminuição da sua dignidade, ou que seja explorado, escravizado ou obrigado a trabalhos forçados, como ocorre nos “lager” (campos de concentração)” (id. ib.) e em muitos outros lugares e circunstâncias, ainda hoje, em pleno século XX, já no limiar do terceiro milênio de cristianismo.

O PAPA NÃO SE ESQUECE DOS TRABALHADORES

Ao afirmar que a fadiga do trabalho é um fato universalmente experi-

mentado, o papa João Paulo II, na impossibilidade de enumerar todos os tipos de trabalho atualmente existentes em todo o mundo, relaciona apenas algumas ocupações e profissões: os *Agricultores*, “que empregam longas jornadas no cultivar a terra, que, por vezes, apenas produz espinhos e abrolhos”; os que trabalham nas *minas e pedreiras*; os *side-rúrgicos*, “junto dos seus altos fornos”; os que trabalham na *construção civil* e em obras de *construção em geral*, “freqüentemente em perigo de vida ou de invalidez”; os que desenvolvem *trabalho intelectual*, os *cientistas* e os que devem tomar decisões importantes no *plano social*; os *médicos* e *enfermeiros*, “que velam dia e noite junto dos doentes” (n.º 9).

O Papa certamente não iria esquecer-se de falar, e com especial carinho, da *mulher que trabalha*, “por vezes sem o devido reconhecimento por parte da sociedade e, até mesmo, em alguns casos, dos próprios familiares, suportando, dia a dia, as canseiras e as responsabilidades do arranjo da casa e da educação dos filhos” (id. ib.).

TRABALHO — CRUZ REDENTORA

E, finalizando sua oportuna encíclica, o Papa aduz alguns elementos para uma Espiritualidade do Trabalho: o trabalhador se revelará verdadeiro discípulo de Cristo se, a exemplo do Divino Redentor, assumir também a sua cruz de cada dia no seu trabalho quotidiano, por vezes monótono, e nas atividades profissionais que ele deve desempenhar sempre bem, com responsabilidade e incansável dedicação.

Suportando a fadiga do trabalho em união com o Cristo Crucificado, o trabalhador cristão, de alguma forma, colabora com o Filho de Deus na redenção de toda a humanidade e de si mesmo (n.º 27).

E se unir ao trabalho a sua oração humilde e penitente, esperançosa e alegre, ele poderá ter a certeza de estar contribuindo não apenas para o irreversível progresso material da Cidade dos Homens, mas também para o urgente crescimento da Cidade de Deus.

A PALAVRA DO PAPA

É um direito a livre associação em nome da dignidade do trabalho humano.

Ninguém está melhor colocado que vós, Senhoras e Senhores, para ver como os problemas de “Solidar-nos” não são hoje assunto unicamente da Polônia, mas, nas suas fontes e nos seus efeitos, assunto do mundo do trabalho no seu conjunto. Vós todos, e particularmente vós que pertenceis a sindicatos de inspiração cristã, sabeis como a Igreja sempre proclamou o direito de livre associação em nome da dignidade do trabalho humano. Como o sublinhei na minha encíclica *Laborem exercens*, “é como pessoa que o homem é sujeito do trabalho. E como pessoa que ele trabalha e realiza diversas ações que fazem parte do processo do trabalho; estas, independentemente do seu conteúdo objetivo, devem servir todas para a realização da sua humanidade e para o cumprimento da vocação a ser pessoa, que é própria em razão da sua mesma humanidade” (n. 6). O trabalho possui valor ético ligado ao fato de, aquele que o executa, ser pessoa consciente e livre, sujeito que decide de si mesmo e por si mesmo. Pelo seu trabalho, o homem produz coisas, cria os meios de produção — o capital — e transforma as riquezas da natureza, mas em última análise trabalha sempre para realizar a sua humanidade, para se tornar mais humano, para ser mais homem, consciente e senhor do seu destino. Deve manter-se portanto senhor do seu trabalho. Por este motivo, o homem tem a responsabilidade — e o direito — de proteger a dimensão subjetiva do trabalho; deve assegurar que poderá trabalhar “como próprio”, isto é, para si, para a sua humanidade. Tal é o seu direito por causa da doutrina mesma do trabalho, e este direito deveria encontrar lugar central em toda a organização do mundo do trabalho, na esfera da política social e econômica, como entre os objetivos pretendidos pelas associações de trabalhadores.

Desta verdade provém, en-

tre outros, o direito de os trabalhadores se unirem para assegurar que ficam sendo sujeitos do trabalho, para salvaguardar todos os direitos que derivam do trabalho. O homem no trabalho não pode escapar à necessidade de defender, ele próprio, a verdadeira dignidade do seu trabalho: também não pode ser impedido de exercer esta responsabilidade. Unindo-se livremente entre si, os trabalhadores assumem a responsabilidade, que é deles, de defenderem não só os seus interesses vitais, mas também a dignidade mesma do trabalho que está ligada a todas as dimensões da vida humana. Assim, os sindicatos têm em vista os justos direitos dos trabalhadores segundo as diversas profissões, ficando ligados igualmente pelo cuidado do bem comum. Na defesa da verdade do trabalho, os sindicatos revestem uma função específica que não é política no sentido da busca do poder político na sociedade, mas adquire importância social geral.

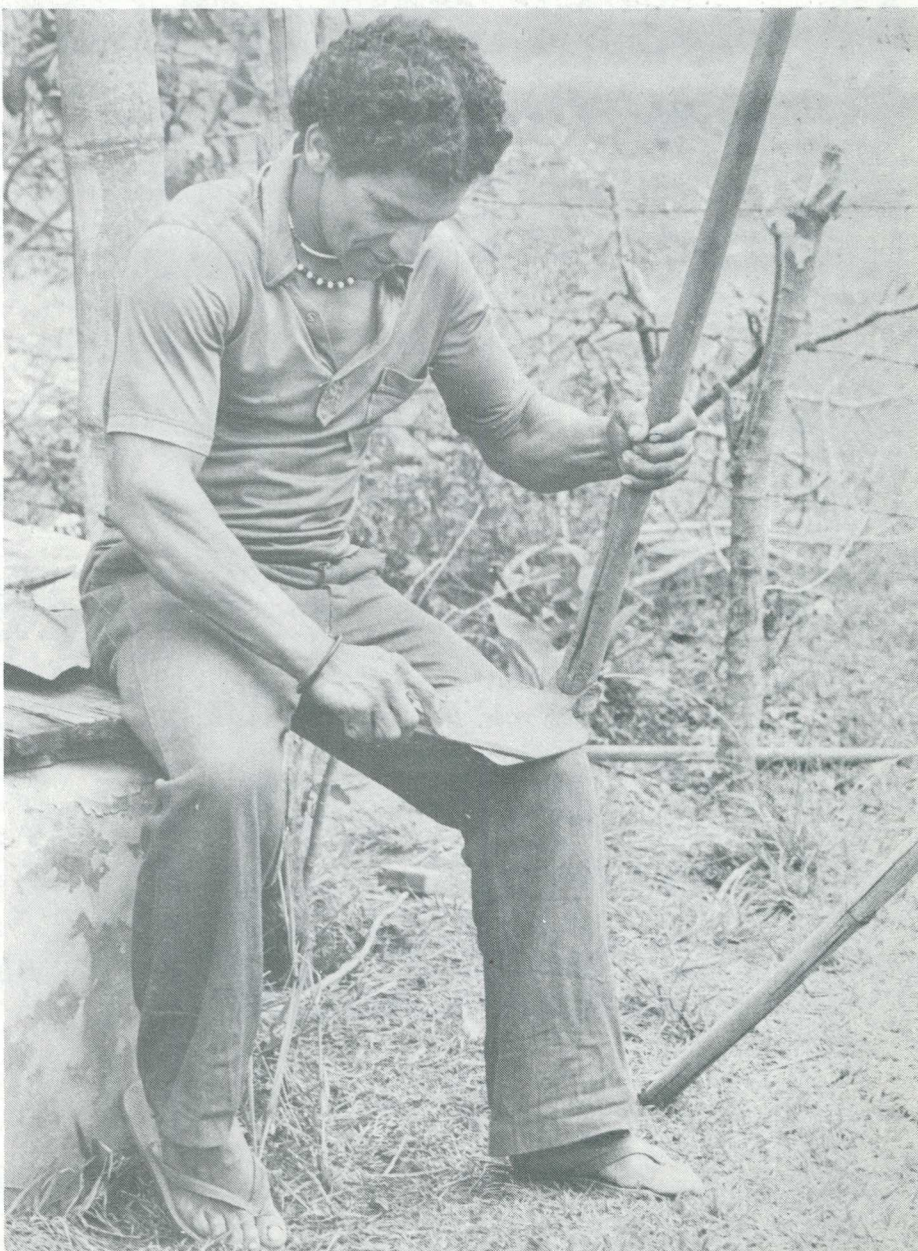
É sobre a base destas considerações que a Igreja reivindicou para os trabalhadores o direito de se constituírem em associações independentes e autogeridas; foi o que fez na *Rerum novarum* (cf. nn. 21, 22), passando pela *Quadragesimo anno* (cf. n. 11), até chegar à minha recente carta encíclica *Laborem exercens* (cf. n. 20). O ensinamento da Igreja não pode ser diferente, porque se trata de um direito inerente ao trabalho humano. A sua doutrina social deve ser em toda a parte igualmente consistente e aceitável: o que ela propõe sobre o trabalho humano, sobre os direitos do homem, e em particular do homem ao trabalho, assume a mesma importância e o mesmo valor para todas as situações e para todos os países. (N.º 3 do *Discurso aos Representantes de 12 Confederações de Sindicatos Livres. 9 de fevereiro de 1982*).

Texto e fotos: Mecenas Salles

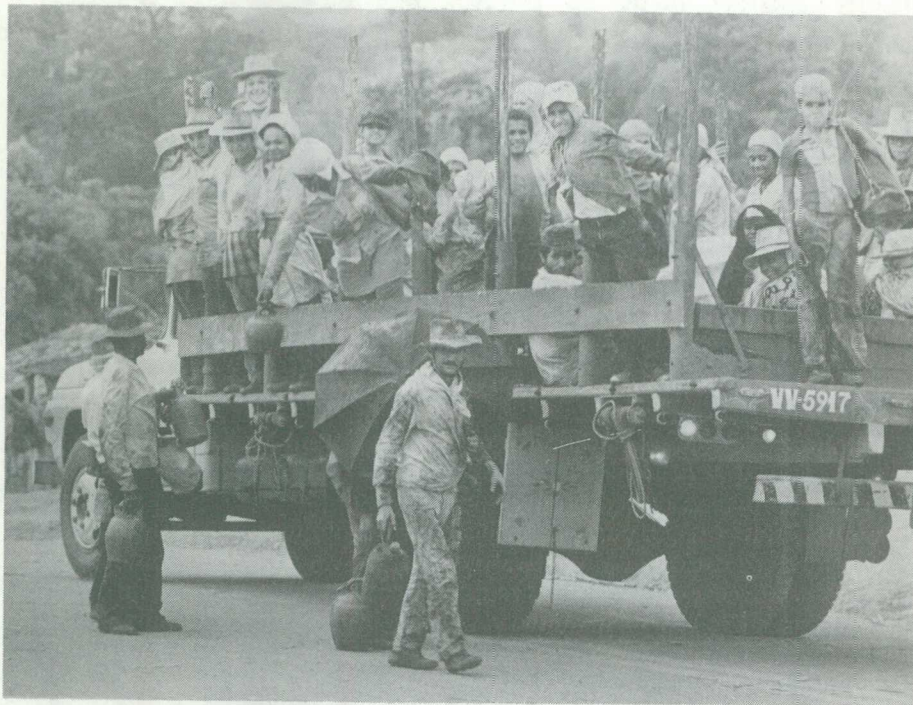
BÓIA-FRIA - O TRABALHADOR DA TERRA

Ele veio de longe, em busca de esperança que não achou; luta só para matar a fome, sua e do filho; é ferido pelo penoso trabalho e pela desilusão; com o salário ele também vai perdendo pouco a pouco o valor.

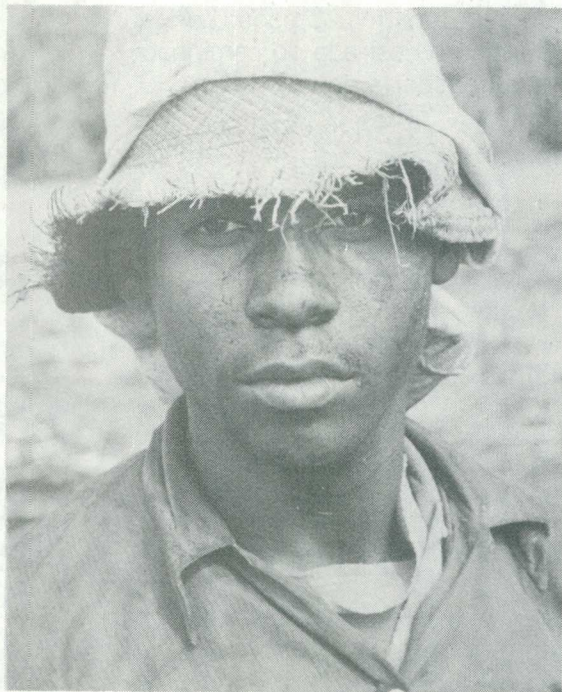
O amanhecer para eles continua mergulhado na escuridão. O galo ainda dorme, mas já há luz e movimento no casebre do bóia-fria. A lenha crepita, esquentando o feijão sem carne e com muita farinha. O gole de pinga amargosa substitui o café. É mais barato! Lima na mão afinando o facão e a enxada. Corote cheio de água, marmitta areada. Longe, o ronco na estrada do caminhão que transporta gente.



Lá se vai o bóia-fria, sem passado, sem presente, no caminhar monótono do dia-a-dia. Calados, o frio da madrugada e o sacolejar do pau-de-arara traz vagas lembranças da longa viagem do Nordeste até a esperança que não achou.



A folha de cana é traiçoeira e corta como navalha. Todo o corpo protegido inicia o descompasso das batidas de enxadas e facões. O sexo desaparece no grotesco disfarce que os iguala. Velhos, moças e crianças, que não são mais crianças.





Sol subindo e a pausa das nove para o almoço. Farinha e poeira se misturando na marmitta. Fumo de corda picado na palha de milho, o gole de pinga, criança mamando no peito vazio. O encarregado é senhor, feitor, falador, batendo palmas anuncia o fim da sesta.

Os fações ligeiros, afiados, cortam a cana desnudando a terra. Sol a pino, suor correndo, escorrendo, doendo a ferida do corte da folha. O sol está queimando e o tempo passando, passando, o fim demorando, o dia acabando às quatro da tarde.

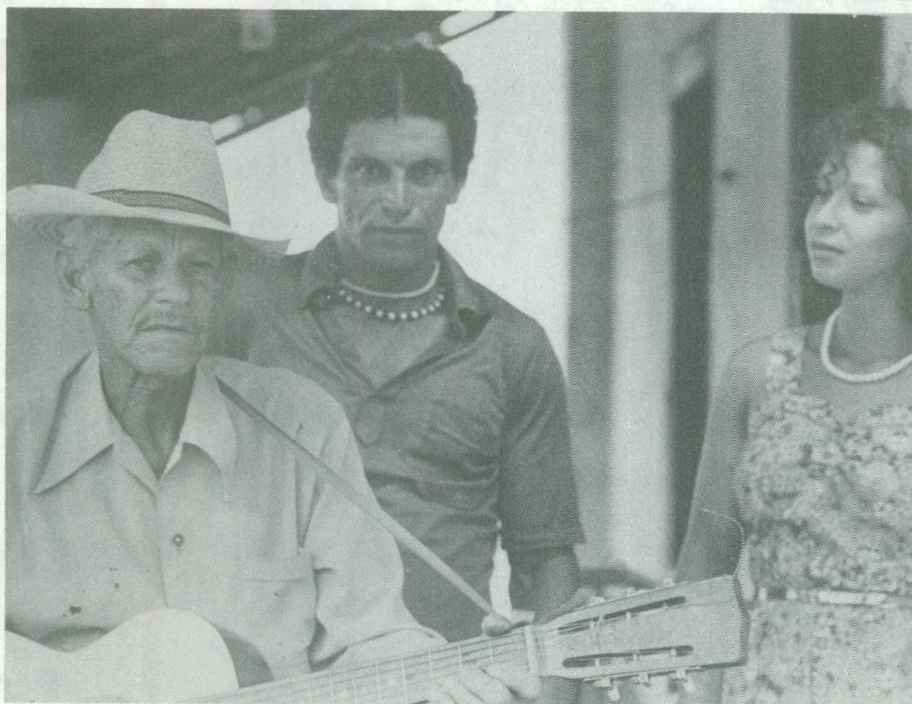
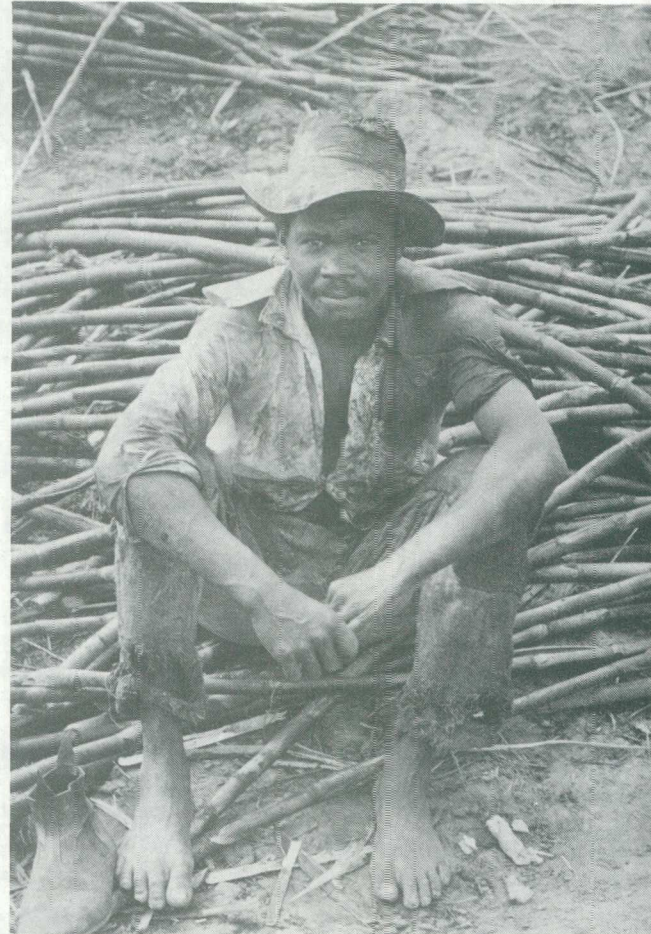




De novo a buzina e o ronco na estrada do caminhão que transporta gente.

O dia é de festa, dinheiro no bolso não vale mais nada. O padeiro, açougueiro, e é "eiro" e mais "eiro" até o último tostão. A viola o consola, e a moda sai triste, é lamento, poeirento, a criança chorando, na canção já mataram a mulher do peão que traiu sem perdão. É a noite apagando a luz que não tem, é o sono chegando, o amanhã que já vê a criança chorando, e os dois se amando, pois foi ela quem quis.

Eh, bóia-fria "feliz"...!



Apesar do direito fundamental do homem de ter um trabalho para prover à sua família, hoje, não raro, ele amarga o desemprego, fruto da má administração e organização social.



Coronel Lagoa

O DESEMPREGO

Por duas vezes, esse traiçoeiro mal atingiu-me em cheio. Em 1930, por ocasião da crise do café, meu pai ficou desempregado. Preparava-me para o vestibular de medicina. Queria ser médico. Tive que desistir. Fui obrigado a desistir! O que passamos nesses anos de desemprego, ninguém pode calcular! Agora volta ele a atingir-me! Desta vez, na pessoa de meu filho José. Está desempregado. Não consegue lugar, como engenheiro que é. Voltam os dissabores, as amarguras, as desilusões com os "amigos" de mais de 50 anos atrás!!!

Sempre que se alude a esse termo — *desemprego* — que não é novo na história econômica e social da humanidade, procuram-se as raízes, buscam-se as soluções. As raízes são fáceis de encontrar, mas as soluções não aparecem. Os governos ainda não souberam, ou não quiseram criar o *seguro desemprego*. Não é a solução ideal, mas — *dos males, o menor* — seria ele que afastaria para bem longe o fantasma da fome, o fantasma do abandono dos estudos, por parte dos dependentes do desempregado. Vários milhões de desempregados estão sendo atingidos na América, na Europa, e em nossa terra, no Brasil, também. As raízes, as causas são múltiplas, são diversas. A multiplicidade, o aperfeiçoamento das má-

quinas em todas as atividades profissionais levam centenas ao desemprego. O serviço, que há alguns anos exigia centenas de homens, hoje requer cinco ou dez. E isso com vantagens inúmeras. Em *segundo lugar*, o êxodo rural. A irresistível atração dos grandes centros urbanos, com seus sofisticados métodos de vida, levando imensas vantagens sobre a penosa, sacrificada vida rural. Nas grandes cidades há divertimentos, há prazer, há lazer. No campo, não! Nas grandes cidades há faculdades, há escolas, colégios, bibliotecas. No campo, não! O caboclo da roça nasce, cresce, vive e morre analfabeto! Nas grandes cidades há catedrais, santuários, igrejas, paróquias, capelas, enfim uma cadeia completa de organizações religiosas que dão assistência à alma cristã, desde o nascer (*batismo*) até à morte (*unção dos enfermos*). Na roça, não! Passam-se meses e anos sem que o lavrador vislumbre um sacerdote, sem que possa freqüentar os sacramentos. Sua alma desolada, isolada, abandonada, só, nem pensa em Deus!!!

Há imensas regiões em nossa terra desertas e incultas. Não há lugar para o homem, nem para a cultura de qualquer alimento. Nas cidades, milhões de seres humanos, adultos e crianças acotovelam-se, amontoam-

se, marginalizam-se e, em condições desumanas, como bichos, vivem em pocilgas, em favelas. Isto significa umamá distribuição de trabalho, de riqueza e de terras! Em *terceiro lugar*, o conforto moderno vicia o ser humano. Acostumado com um rádio, o homem faz o impossível para não se desfazer dele; pelo contrário, ele procura um outro objetivo, mais alto, mais caro, a *tv!!!* É muito comum ver-se, nos telhados dos barros, das favelas, a indefectível, a insubstituível, a necessária, a imprescindível antena de TV! Aquele que comprou um carro faz sacrifícios gigantescos e ingentes para mantê-lo, para custear a sua caríssima gasolina. Numa terra que depende do petróleo árabe, o álcool é mais caro que a gasolina, se analisarmos os seus custos! O álcool é produzido em todos os municípios brasileiros, seja o da cana, o da uva, e da mandioca, etc., etc, mas no entanto, que vemos? A subida desmesurada, sem parar, de seus preços. Por quê?

Ninguém, na cidade, uma vez acostumado, dispensa vestidos caros, calçados caros, cinema, futebol, perfumes e cosméticos. Tudo isso já está arraigado nos usos e costumes da população citadina. É só lembrar, recordar o que se passou no carnaval deste ano nos grandes centros urbanos, Rio, S. Paulo, Belo Horizonte, Salvador, só para citar alguns.

O luxo das fantasias caríssimas, dispendiosíssimas,!!! Um nunca-acabar. Para o ano que vem a coisa promete ampliar-se no gasto excessivo de bens supérfluos (*para o governo*) mas necessários e indispensáveis para o povo! Enquanto não chega a solução material, não cruzemos os braços e também procuremos a solução espiritual. Rezemos a São José, o humilde operário, o humilde carpinteiro que, quem sabe, saía pelas ruas de sua terra a oferecer seus serviços, a procurar trabalho para o sustento da SAGRADA FAMÍLIA.

Saibam recorrer a ele, aqueles que têm trabalho para conservá-lo e aqueles que não o têm — *desempregados* — para que ele apareça logo!

"LEMBRAI-VOS, Ô SÃO JOSÉ, QUE NUNCA SE OUVIU DIZER QUE, QUEM RECORREU À VÓSA PROTEÇÃO, FOSSE POR VÓS DESAMPARADO".



FAÇA AS PAZES COM A ESPERANÇA

Maria do Carmo Fontenelle

M. S. Agradeço a sua confiança, escrevendo e abrindo seu coração. O que posso dizer a você? A sua vida é preciosa, pois custou a morte de Jesus Cristo! Deus nos criou com um objetivo, uma missão a cumprir. Descobrir o que Ele espera de nós, e caminhar com Ele, é a maneira de acertar.

O período do namoro é exatamente para que os dois possam conhecer-se e acertar suas diferenças. E, ao chegar à conclusão de que os gênios não combinam mesmo, o melhor a fazer é cada um ir para o seu lado, acabando com esse ambiente de brigas

constantes que não levam a nada.

Para dar certo, o casamento deve começar com a união das almas, dos corações, compreensão mútua, harmonia espiritual. Só depois a união física. É difícil? Mas vale a pena.

Você certamente irá encontrar outra pessoa melhor e mais adequada ao seu temperamento, que dê o valor que você merece. Procure viver despreocupada. Reze, estude, faça ginástica, aceite participar da excursão com suas colegas, faça roupas novas, mude o corte do cabelo. Tudo isso ajuda. Procure alguém que precise de você

e de ajuda material ou sua amizade.

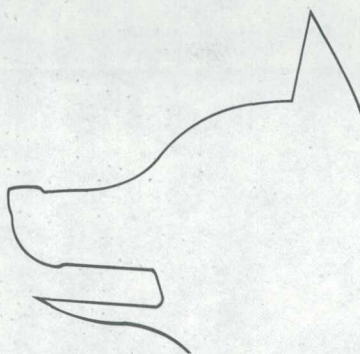
Analise suas atitudes e vá amadurecendo, enquanto aprende que o verdadeiro amor é aquele que pensa mais em dar amor do que em receber. Por mais que o outro a ame, não conseguirá satisfazê-la se você também não o amar. Não há vidas infelizes, o que há são pessoas que não sabem fazer a vida feliz. E criaturas (no seu caso) que roubam a felicidade dos outros (azar delas!)

Faça as pazes com a Esperança e viva contando as pequenas alegrias a seu lado. A esperança executará lindas sinfonias!

Você fez muito bem em tomar a atitude que tomou. Não é beber de todas as fontes que encontra, que salva o viajante, mas sim o resistir à sede para beber apenas das fontes que oferecem água pura. Não compare sua vida com a das outras. Cada qual tem seu próprio caminho na arte de viver feliz. Tenha sempre Deus presente a seu lado. Ele ajudará em todos os seus problemas. Deixe com Ele, que sabe melhor. Como naquele belo trecho da Bíblia: "... Maria disse a Jesus: - Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido!"

Um abraço.

RAIVA CANINA



RAIVA CANINA: O Instituto Pasteur publica um folheto de esclarecimento da hidrofobia, orientando sobre os problemas da raiva, que atinge 40.000 pessoas por ano (!). Convém lembrar que a raiva é uma doença infecto-contagiosa do sistema nervoso, causada por um vírus. Se você não conhece os sintomas, observe o comportamento do cão, quando atingido pela raiva: — Fica de boca aberta com salvação intensa, altera o latido e tem dificuldade para engolir. Torna-se agressivo e morde sem razão. Ou fica triste e procura lugar escuro. A evolução da doença é rápida e o cão morre em menos de uma semana.

Quando uma pessoa for mordida por um cão mesmo que ele tenha sido vacinado recente-

mente, deve lavar imediatamente o ferimento com água e sabão e passar mercúrio cromo ou mertiolato. Procurar o mais rápido possível o Instituto Pasteur (na Capital) ou Centro de Saúde ou Pronto Socorro Municipal (no interior). Nunca sacrificar o animal que mordeu, mas deixá-lo vivo para observação.

Mordeduras de animais silvestres sempre requerem tratamento. A transmissão da raiva ao homem é feita por mordida, arranhão ou lambida. Na pele com ferimento recente, o vírus na saliva do animal penetra facilmente pela abertura da pele. As mordidas mais próximas à cabeça são mais perigosas. INSTITUTO PASTEUR — Av. Paulista, 393 — Fone — 288-0088.

CREPE SUZETTE (Panqueca sofisticada)



1 lata de creme de leite
4 ovos
1 pitada de sal
1/2 xícara de açúcar
1 xícara de farinha de trigo

RECHEIO:

2 colheres de manteiga derretida
1 colher de açúcar
Raspa de 1 laranja e 1 limão

Para flambar: 10 colheres de conhaque

Bata no liquidificador todos os ingredientes da massa. Em frigideira untada faça os crepes bem fininhos, dourando-os de um lado e de outro. Pincele cada crepe com a manteiga derretida e polvilhe açúcar misturado com as raspas. Dobre duas vezes (fica um triângulo) e conserve quente no forno, aquecido e apagado. Na hora de servir, polvilhe açúcar sobre os crepes, aqueça a bebida e jogue dentro um fósforo aceso, para flambar, despejando em chamas sobre os crepes. (Não é tão assustador, e nem perigoso, desde que preparado por adulto. É claro).



Palmiro da Silva

O atraso do Sebastião

Ao trabalhador pobre cabe, proporcionalmente, sempre a maior parte das duras conseqüências da má política econômica.

Quando a sirene da fábrica anunciou o fim do pesado expediente de sexta-feira, o operário Sebastião apressou-se em sair. Polidamente, não aceitou o convite dos colegas para molhar a goela na bodega do Zeca. Aquele seria, para ele e sua família, um fim de semana muito especial. À custa de muito sacrifício, economizara uma graninha boa - mil e quinhentos cruzeiros - que pretendia investir todinha no abastecimento de "malhado" - um fusquinha 59 que um dia teria sido de cor cinza. Mes-

mo vencido pelas pinceladas amadoras de massa de funileiro, "malhado" ainda conservava um ar de dignidade no mirrado quintalzinho da casinha de periferia.

A passos rápidos, em direção ao ponto do ônibus, Sebastião não pensava em outra coisa: precisava encher logo o tanque do fusquinha a fim de poder levar a Lurdinha e as crianças para o tão sonhado passeio no litoral. Afinal, já estava cansado de ouvir a mesma ladainha quase todos os dias à mesa do jantar: "Paiê, é verdade

que o mar é grande? É maior que a nossa casa?"

A perspectiva do prazer no fim de semana é tal que o velho Tião não hesita em viajar desconfortavelmente em pé. Assim chegaria mais cedo em casa. Espremido entre um crioulo forte e uma mocinha mirrada, nosso herói mal consegue espiar para fora do coletivo, àquela altura mais coletivo do que nunca. Suando por todos os póros, não desgruda os olhos do relóginho barato da mocinha: 19 horas, 19, 10, 19, 30 e a procissão continuava lenta e modorrenta. Olha para trás e vê um senhor de terno, com cara de funcionário público, tentando equilibrar uma pasta e um guarda-chuva: "O senhor poderia me informar a que horas fecham os postos de gasolina?" Antes mesmo que o homem pudesse responder, um gozador anônimo lá da frente berrou: "Motorista, anda depressa que o gente-fina lá atrás está com pressa para abastecer sua mercedes". Risos gerais.

Quando Sebastião foi cuspidido do ônibus já passavam das 19,50 horas. Mesmo cansado, faz uma rápida avaliação da situação. Dez minutos para caminhar até sua casa, cinco minutos para fazer o "malhado" pegar... É. A vaca tinha ido mesmo para o brejo! Neca de fim de semana com praia e frango assado...

Por mais que os engravatados do governo expliquem, Sebastião jamais irá entender por que nos fins de semana os postos de gasolina têm de ficar fechados. Pra baixar o consumo não podia ser, já que o "trem" estava custando quase tanto como remédio. Resignado, entra no botequim, pede uma caipirinha, chama o bicheiro de lado e descarrega uma quina no cavalo, pra cercar a zebra do fim de semana.

A cada dia que passa vai se tornando mais difícil justificar a absurda proibição do Conselho Nacional de Petróleo. Afinal, estamos ou não estamos em uma economia de mercado? Esta parece ser a grande dúvida de milhares de Sebastãos e Josés que não conseguem entender por que, mesmo vendida a mais de Cr\$ 100,00 o litro, a gasolina ainda precisa ser racionada. Ou "racionalizada", como querem os teimosos figurões da burocracia brasileira (*Plana*).

A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística



DOMINGO DA SANTÍSSIMA TRINDADE
(6/6/82)

O MISTÉRIO DE DEUS NA VIDA DE CADA CRIAÇÃO. Hoje, festa da Santíssima Trindade, Deus se propõe a nós como o único Deus Absoluto de nossas vidas. Deus é a única realização da vida e da história humana. Só ele se revela como o Absoluto, capaz de dar uma resposta aos anseios mais profundos do homem.

1.^a LEITURA: *Dt 4, 32-34. 39-40*. O capítulo 4 do Deuteronômio forma um todo independente dos capítulos 1 a 3 e 5 a 26. Este capítulo foi escrito na época em que os israelitas sofriam as conseqüências do exílio babilônico. O povo exilado estava longe de sua pátria, de seus familiares e amigos, estavam impossibilitados de viverem a sua fé e a sua religião em terras estrangeiras. O autor exorta os exilados à conversão, e o versículo 31 mostra que Deus não abandonou o seu povo, porque está comprometido com ele. Aos poucos o povo foi tomando consciência de que existe um só Deus vivo e verdadeiro, aliado ao homem (v. 39).

2.^a LEITURA: *Rom 8, 14-17*. Neste texto o ensinamento paulino chega ao ápice quando diz: "nós somos filhos, Deus é nosso Abbá-pai". É nesta afirmação que o cristianismo se distingue das outras religiões. Enquanto as outras religiões proclamavam o poder do divino criador, fonte de vida, o cristianismo nos revelava o amor e a misericórdia de Deus através de seu filho Jesus Cristo.

EVANGELHO: *Mt 28, 16-20*. A localização da Galiléia (v. 16) tem um significado teológico: foi ali que Jesus iniciou a sua atividade (*Mt 4, 12-17*; *Mc 1, 15s*); e é ali, na Galiléia, que encerra o seu ministério (*Mt 28, 7. 10*; *Mc 16, 7*). O monte (v. 16): Jesus foi levado ao monte para ser tentado (*Mt 4, 8-10*); lembra ainda que foi no monte onde Jesus promulgou a lei do Reino (cap. 5-7 de *Mt*). Jesus realizou a multiplicação dos pães num monte (*Mt 15, 32-39*) e foi no monte que Jesus foi transfigurado (*Mt 17, 1ss*). Prostraram-se (v. 17): este gesto sublinha que os discípulos reconheceram o Mestre ressuscitado, à semelhança das piedosas mulheres (v. 9). Ide (v. 19): esta ordem não reconhecia limites de espaço (todos os povos), nem tempo (até a consumação do mundo) e tem por objetivo ensinar (fazer discípulos). Terminando, este Evangelho contém estas duas colunas de ensinamentos: *Cristológico* — Todo o poder me foi dado... eis que estou convosco todos os dias... *Eclesiológico* — Ide, fazei discípulos meus todos os povos... ensinando-os a observar tudo o que vos mandei...



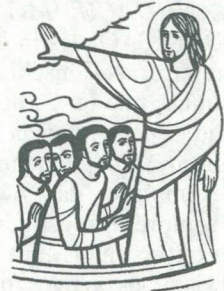
XI DOMINGO DO TEMPO COMUM
(13/6/82)

O REINO DE DEUS É O DESÍGNIO DE AMOR SOBRE TODA A CRIAÇÃO. Agora, até o fim do ano, o tempo litúrgico é o tempo do comum. No início do ano tivemos o tempo do Advento. Depois, diversos domingos do comum. Paramos para celebrar os grandes acontecimentos, que são a quaresma e Páscoa. Esses tempos litúrgicos são épocas das intervenções concretas de Deus, conduzindo o homem à salvação. Deus é "aquele que era, que é e que vem" (*Apc 4, 8*).

1.^a LEITURA: *Ez 17, 22-24*. O autor deste texto insiste em que Deus não abandonou o seu povo e a salvação virá. Anuncia-se a restauração do povo exilado. Deus fará voltar a dignidade real-messiânica. A descrição hiperbólica da árvore que se torna habitação para todos (v. 23) é a figura do Reino de Deus aberto a todos os homens. Ezequiel mostra que Javé está presente e ativo nos acontecimentos. Deus é o Senhor da história. O que cabe ao homem é abrir-se para os acontecimentos, perceber o sentido da ação de Deus nos fatos cotidianos.

2.^a LEITURA: *2Cor 5, 6-10*. Todo o texto é uma preparação para a síntese do v. 10. Viver num corpo (v. 6) significa estar longe de Cristo, pois o homem não habita junto com Cristo. O melhor seria morrer para estar junto com Cristo, mas isso não depende da escolha do homem, implicando uma grande confiança (v. 8). No v. 9 S. Paulo mostrando que o tempo desse mundo é de opções decisivas, o estar junto com Cristo depois da morte depende do testemunho dado.

EVANGELHO: *Mc 4, 26-34*. Jesus compara o Reino de Deus a uma árvore que se desenvolve do grão à colheita produzida pela semente. No v. 32, a maior de todas as hortaliças. Os evangelhos sinóticos narram com peculiaridade que às vezes as aves vêm abrigar-se nos seus ramos. Trata-se de uma imagem bíblica (*Dan 4, 9. 11. 18* e *Ez 17, 23; 31, 6*) onde a árvore que abriga os pássaros simboliza um reino grande que abrange todos os povos. No v. 29, a colheita é símbolo do julgamento (*Jl 4, 13*, *Apc 14, 15*), e este significa a manifestação da verdade, que leva os homens à plenitude da vida, ao Reino de Deus ou não, conforme a escolha de cada um.



XII DOMINGO DO TEMPO DO COMUM
(20/6/82)

JESUS TEM PODER SOBRE A TEMPESTADE

1.^a LEITURA: *Jó 38, 1. 8-11*. A partir deste capítulo começa a última parte do livro de Jó. Contém a resposta de Deus à discussão entre Jó e seus amigos sobre o tema da desgraça, da calamidade. Na leitura de hoje, Deus se mostra dominando as forças da água. Nos mitos orientais e na religiosidade popular do tempo e ambiente de Jesus, estas forças representariam os poderes do inferno (*Pr 8, 27-29*; *Jr 5, 22*; *Jó 7, 12*; *9, 13; 26, 12* *Mc 4, 35-40*).

2.^a LEITURA: *2 Cor 5, 14-17*. O texto gira em torno do tema da reconciliação. Cristo morreu por todos (v. 14). Esta afirmação é o eixo da doutrina soteriológica: um só homem, Jesus Cristo, morreu e ressuscitou. Entre nós e Cristo aconteceu dupla corrente: uma de pecado, que vai de nós a Ele, e outra de justiça, que vem de Cristo a nós. A morte com Cristo gera a comunhão com a vida (v. 15). Quem vive uma vida nova, já não vive para si, mas consagra-se com sua vida Àquele que por ele morreu e ressuscitou.

EVANGELHO: *Mc 4, 35-41*. A situação geográfica do lago da Galiléia é uma depressão muito baixa, em relação ao nível do mar. Os ventos do Sul e do norte provocam repentinas e violentas borrascadas, as quais causam perigo aos pescadores, mesmo aos atuais, com barcos motorizados. Nesta narração predomina o contraste entre a atitude de Jesus e aquela dos discípulos. Jesus dorme tranquilamente, despreocupado com o vento e com as ondas. Os discípulos estão preocupadíssimos em saber como salvar a pele, como travar luta contra as forças da natureza, desencadeadas pela tempestade. Quando parece que tudo está perdido, acordam Jesus com um grito (v. 38). A exclamação deste versículo, "não te importas?", é o lamento dos discípulos pelo comportamento de Jesus. Exprime o desespero e também a confiança no Mestre. No v. 40, "ainda não tendes fé?" vemos a primeira censura severa de Jesus aos discípulos em Marcos, que lembrará diversas outras (6, 52; 7, 18). A nossa fé, portanto, é fé na fé de Jesus e no Deus que O ressuscitou da morte. É fé que nos autoriza a arriscar a vida pela causa de Deus.

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

OS LEITORES escrevem

UMA SUGESTÃO OPORTUNA

Em *MANHUAÇU, MG.*, existe uma ASSOCIAÇÃO destinada a divulgar boas leituras. Cômico de que o brasileiro quase não lê, as boas leituras difundidas pela referida associação são sempre em pequenos folhetos... Os exemplares da "AVE MARIA" são sempre aproveitados. Ora, passados a outras mãos, ora recortados da Revista, os artigos de maior atualidade. Mas, o que nos faz escrever esta cartinha é que sempre se aproveitaram os bons folhetos da "AVE MARIA". E mais ainda, porque, quando se diz: "Ave Maria", recorda-se a "alavanca" espiritual de que se serve a benemérita Associação.

Nós sabemos que muitos leitores da "Ave Maria" poderiam se agrupar aos nossos associados; fornecemos aqui os seguintes informes:

— Para se inscrever na "Associação da Boa Imprensa", basta você se comprometer aos três requisitos: 1) *Rezar diariamente* um mistério do Terço pelo bom êxito da boa imprensa; 2) *Propagar a boa leitura* nos seus meios sociais; 3) *Contribuir com pequena mensalidade* para custear as edições de pequenos folhetos... Ora, essa contribuição você, leitor amigo, pode fazer da seguinte maneira: compre algumas centenas de folhetos populares católicos, enviando-os para nós. Pode enviar diretamente para a ASSOCIAÇÃO — *Rua Monsenhor*

Gonzalez, 549 — MANHUAÇU — MG. Ou, se quiser, ao Diretor-Fundador da Associação: Frei Pio, S. D. N. — Praça Padre Júlio Maria, 134 — 36.940 — MANHUMIRIM, MG. (Frei Pio, S. D. N.).

ESTE ANO DÊ UMA ASSINATURA DA REVISTA AVE MARIA DE PRESENTE A UM AMIGO SEU. ESTEJA CERTO, ELE VAI GOSTAR MUITO.



REINDAL

ESPECIALIZADA EM TRATAMENTO DE ALCOOLISMO

Seguindo os métodos mais avançados dos EUA, em 2 semanas a nossa equipe restabelece a saúde física e emocional do alcoólatra através de cuidados médicos, palestras educacionais, filmes e terapia.

Fone: 520-9514
Cx. Postal 20896
São Paulo, SP

Meias
Lenços
Camisetas
Cuecas
Soutiens
Calcinhas
Biquínis
Tangas
Meias-calças

UMA GRANDE NOTÍCIA PARA COMERCIANTES E REVENDEDORES

De qualquer cidade do Brasil, por mais distante que seja, os comerciantes e revendedores poderão fazer seus pedidos por carta e receber as mercadorias alguns dias depois pelo correio.

Suas compras em S. Paulo poderão ser feitas em nosso amplo estabelecimento com nosso grande estoque às suas ordens.



BEGÉ COMERCIAL LTDA.

Rua Silva Teles, 540 — Tels.: 291-5524
93-2497-CEP 03026 — São Paulo — SP

Peço que me enviem tabela de preços

Firma
End.
Cidade
Estado CEP

De Millus — Hering — Apolo — Zorba — Arsati — Tri-Fil — Presidente — Del Rio

Bancos, altares e móveis para igrejas.
Diversos modelos.

Só fabricamos em embuia maciça de primeira qualidade, não trabalhamos com aglomerados ou compensados.

Só trabalhamos com madeira seca (com secagem de 3 a 5 anos).

Desfrutamos de maquinário moderno, técnica altamente especializada.

Venda direta da fábrica.

Transporte próprio.

Não aceitamos pagamentos adiantados, somente após a entrega.

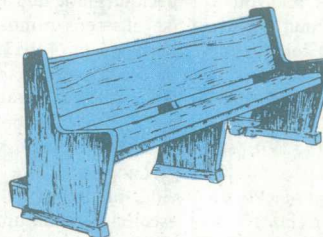
Consulte-nos sem compromisso.

OBERTIME



INDÚSTRIA DE BANCOS PARA IGREJA GENERAL CARNEIRO, PR

FÁBRICA DE ALTARES, BANCOS E MÓVEIS PARA CAPELAS E IGREJAS



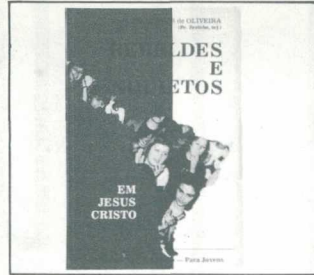
Peça catálogo ou um banco para demonstrações, ou solicite a visita de nosso representante.

Escritório, Depósito e Exposição:
R. Vieira de Morais, 1237 - Aeroporto - CEP 04617 - São Paulo, SP.
— Salas de 1 a 6 - (Fones: 241.1563 e 241.1718)
Fábrica: General Carneiro, PR

livros recebidos



DEUS TEM A PALAVRA: HÔMIAS — Frei Paulo Gollarte, O. Carm. — Editora Vozes — 208 págs. Aqui temos por escrito várias homilias do Frei Paulo, segundo o ano litúrgico, que foram irradiadas aos telespectadores na missa dominical pela TV — Record de São Paulo. Segundo o autor: "Elas nasceram das experiências compartilhadas de reuniões de famílias, que fazem da Palavra de Deus o pólo de referência de suas vidas... O ponto de partida de cada pregação é uma parábola: seja esta um fato da vida ou uma estória. Mãos dadas com o evangelista São Marcos, confronta-se o leitor com o Cristo do cotidiano... É um livro ao seu serviço."



REBELDES E INQUIETOS: EM JESUS CRISTO — José Fernandes de Oliveira (Padre Zezinho, scj.) — Editora Santuário — 278 págs. Como o próprio Padre Zezinho diz, o livro é um manual de introdução à pastoral da juventude, uma introdução à doutrina da Igreja e uma introdução à visão social da Igreja, que fez opção preferencial pelos jovens. O livro visa oferecer iniciação à Pastoral de Juventude, à doutrina católica e às criações pastorais de Puebla. Vem anexo um folheto com perguntas que auxiliarão o estudo pessoal ou em grupo daquilo que foi proposto em cada capítulo.



O CLAMOR DO ESPÍRITO EM PUEBLA — REFLEXÃO SOBRE A VIDA CONSAGRADA NA AMÉRICA LATINA — Antônio Torio O. S. A. — Coleção Comunidade e Missão Edições Paulinas — 137 págs. O autor procura descobrir no Documento de Puebla como valorizar a vida consagrada, como ela se insere no mistério da evangelização na América Latina. Puebla confirmou a ideia de que tudo neste campo necessita de uma meditação. Entre as ideias que amadureceram nesta conferência, está a apresentação carismática da vida consagrada. Se nos reencontrarmos no que essa vida carismática tem de mais característico, perceberemos a vivência evangélica do testemunho e da profecia.



FORMAS DINÂMICAS DE ORAÇÃO — Louis M. Savary e Patrícia H. Berne — Edições Loyola — 163 págs. Conforme o tipo de vida, podemos cair no esgotamento físico ou no psíquico ou no espiritual e ainda nos três simultaneamente. Aqui temos mais ênfase no cuidado do aspecto espiritual que busca a sua restauração na energia espiritual que é a capacidade de exercer e ativar diversas faculdades do espírito humano. *Chakras* (centros clássicos de energia espiritual), relaxamento, concentração, assumir sentimentos, estratégias da oração nos colocam em forma para uma vida mais plena nos três níveis: corpo, espírito e mente, quando utilizados de maneira acertada.



O ROSTO DE UMA IGREJA — D. Antônio Batista Fragoso — Edições Loyola — 153 págs. Com linguagem simples como simples é o seu autor, é feito, neste livro, o relato de 16 anos de trabalho na diocese de Crateús, onde o próprio bispo tomou a iniciativa arriscada de servir o povo para que ele assumisse e resolvesse as suas necessidades comunitárias. A terceira parte do livro é composta de depoimentos que expressam a realidade da diocese após esses anos de tentativas de viver o Evangelho na realidade local, indicando as falhas para uma caminhada mais perfeita em direção à meta proposta.



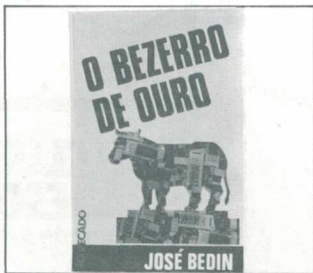
INTEGRIDADE NA TRANSMISSÃO DA VIDA — Dionísio Santamaría e Guilherme Gibbons — Edições Paulinas — 90 págs. Esta é uma obra destinada a auxiliar, a todos os que trabalham na pastoral, a terem ideias claras como bases de informação dos princípios científicos e morais que devem orientar o planejamento familiar e a paternidade responsável. O livro possui um ótimo glossário funcional e uma atualizada bibliografia. Não é, porém, um manual de instrução sobre o uso e ensino de métodos para o controle da natalidade. Ao lê-lo chega-se à conclusão, de que a Igreja tem razão em advogar a integridade na transmissão da vida.



ANJOS E DEMÔNIOS NA BIBLIA — Coordenador: Pe. João E. Martins Terra S.J. — Revista de cultura bíblica — números 17 — 18 — Edições Loyola — LEB — 169 págs. Num mundo tecnocrata e dessacralizado a realidade dos anjos e demônios é colocada em dúvida através de inúmeras dúvidas e questionamentos. O padre Terra selecionou e traduziu documentos da Igreja, artigos de exegetas e teólogos e os colocou à disposição do leitor. As perguntas que surgem e que são respondidas nestas documentações são as seguintes: O inferno não é a realidade que vivemos agora, aqui na terra? O céu não é um utopia extraterreno, já pré-existente, mas a utopia cristã colimada pelas teologias modernas?



KARL RAHNER: UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO TEOLÓGICO — Karl Heing Weger — Edições Loyola — 197 págs. Rahner tenta diminuir a distância entre a exegese bíblica, teologia dogmática e as novas situações de tempo, novos problemas. Ele procura relacionar revelações históricas e a auto-experiência. Num dos seus artigos o próprio Rahner faz a seguinte pergunta: Por que sou cristão hoje? Este livro tenta colocar o pensamento de Rahner de uma maneira mais acessível a todos, porém não dispensa a leitura do próprio Rahner. Livro ótimo para todas as pessoas que se interessam pela teologia. No apêndice há uma bibliografia muito boa para consulta.



O BEZERRO DE OURO — José Bedin — O Recado Editora — 91 págs. O novo livro de José Bedin é um convite para pensar e refletir através de máximas, convites. Ele escolheu um caminho que não é novo, mas que é sempre agradável: catequese em pensamentos. Durante a leitura do livro, você encontrará pensamentos que já conhece, outros novos, alguns você vai gostar, outros você vai reler para poder saborear melhor a sua profundidade. Há alguns que o farão até rir. A intenção do autor foi a de oferecer aos amigos bastante material para pensar. Especialmente nestes dias em que quase ninguém tem mais tempo para isso.

Assinale os livros desejados e remeta este cupom para
LIVRARIA "AVE MARIA"
CX. POSTAL 54.215
01227 — SÃO PAULO Tels.: 66-0582 - 825-0700

<input type="checkbox"/>	DEUS TEM A PALAVRA	450,00
<input type="checkbox"/>	REBELDES E INQUIETOS: EM JESUS CRISTO	300,00
<input type="checkbox"/>	O CLAMOR DO ESPÍRITO EM PUEBLA	250,00
<input type="checkbox"/>	FORMAS DINÂMICAS DE ORAÇÃO	500,00
<input type="checkbox"/>	O ROSTO DE UMA IGREJA	450,00
<input type="checkbox"/>	INTEGRIDADE NA TRANSMISSÃO DA VIDA	150,00
<input type="checkbox"/>	ANJOS E DEMÔNIOS NA BIBLIA	400,00
<input type="checkbox"/>	KARL RAHNER: UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO TEOLÓGICO	450,00
<input type="checkbox"/>	O BEZERRO DE OURO	250,00

Nome _____ N° _____

Rua _____ Estado _____

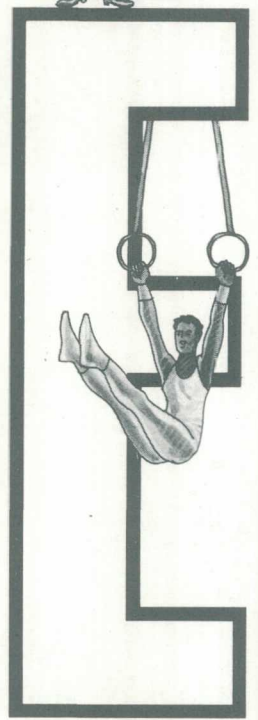
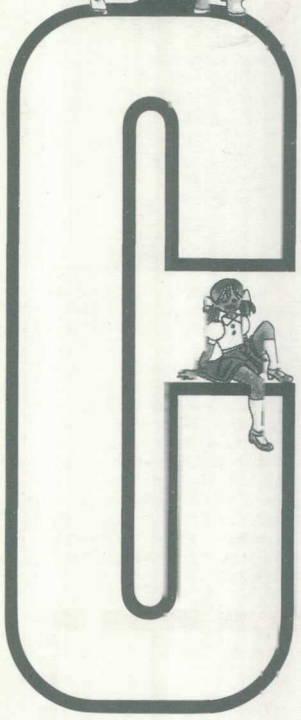
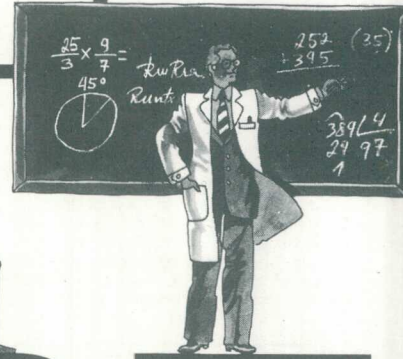
Cidade _____

CEP _____

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cr\$ 100,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por Vale Postal ou selos novos do Correlô.

P.S.: Estes preços de livros estão sujeitos a reajustes sem prévio aviso

TOP



**TOP CLUBE
BRADESCO**
O seguro de todos.



Qualidade
Bradesco
Atlântica-Boavista
Sul América

FUNDAÇÃO

1981-14.000 ALUNOS
1982-17.000 ALUNOS

BRADESCO